

A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO #20 — AFRICA #25 — ESTRANGEIRO #40

N.º 34 (124) — 4-11-923

Redactor principal:
António Teixeira
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: *Rua do Sol, 131 — PORTO*
OORR.: **APARTADO 17 — PORTO**

Administrador:
José Rodrigues Reboredo
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 13

Os últimos acontecimentos da semana

A falência democrática :: dum chefe de distrito ::

Por mais duma vez, nas colunas deste modesto semanário, temos afirmado categoricamente que o sistema democrático republicano faliu em todo o mundo.

Faliu em França, no Brasil, na Argentina, na América e na própria Suíça, onde presentemente a cabeça da reacção repressiva e jesuítica ondeia para todos os lados em perseguição do operariado.

Em Portugal, porém, essa falência é a mais desastrosa e ignominiosa possível: excede tudo quanto a antiga musa canta em matéria de vilanias, traficâncias, charlatanices, violências, enfim: tudo quanto representa de mau a pior e de pior aos mais estupendos superlativismos da maledicência humana...

As incompetências governamentais, em face do mais simples problema do bem público e do mais leve respeito às franquias populares, teem sido duma flagrância terrífica. Os homens, os doutos homens públicos que há uns anos para cá, teem des-cansado o sêso nas cómodas poltronas ministeriais, para onde quâse sempre entram pobretões e de onde quâse sempre saem riquíssimos ou, pelo menos, associados das grandes empresas — outra coisa não teem evidenciado do que a sua enorme potência cerebral em calinadas inéditas da mais assombrosa gargalhada...

Dos seus caloiros representantes, arvorados em cônsules locais, em colegas daquele cavalo do tirano e sanguinário Calígula, então nem falemos nisso... Tem sido uma chucha-

deira espantosa desde que umas modestas criaturas, com uns humildes conhecimentos de doutorado, deixado passar por favor, conseguiram pela mefistofélica farsa duma política vêsga e fantóchica, abalar até aos gabinetes governadorais da *preta-lhada* indígena...

Na chefia do distrito da nossa invicta cidade temos tido indivíduos para todos os gostos: desde o *pateta alegre*, que nos divertiu com as suas patacoadas, até ao rancoroso ridículo, que nos *assusta* com as suas fanfarronadas, as suas quixotadas de investidas grosseiras...

Actual e infelizmente estamos nas últimas condições. A primeira autoridade do distrito não é uma pessoa decente, correcta, imparcial, tratável, justa, tolerante, razoável — consoante ordenam os princípios da democracia que apregôa no seu jornal de família... As suas acções oficiais são equilibradas pelo seu nervosismo doentio, pelo seu temperamento de epilepsia imperante, pelas suas explosões caquéticas de ríspido tiranête...

Êle, sempre intolerante e julgando-se uma negra mentalidade guindada às proeminências de Tartarin fortetarasconês, jámais admite objecções de um seu *inferior*: êle o dita, nós o devemos cumprir...

Em matéria social, o operariado é considerado um *galê-go*... da sua terra... Tem só esta missão sublime: trabalhar a maior quantidade de tempo e o mais barato possível em benefício dos exploradores, dos grandes potentados, das gran-

des empresas, das grandes companhias, dos grandes capitalistas, de cujos interesses ilícitos as autoridades são os seus laís cachorros...

* * *

Sendo o chefe do distrito um tenebroso carácter desta natureza, sustentando, com o *pau e changuço* da sua democracia amestiçada, os seus intangíveis caprichos — fácil era de calcular que a sua posição em frente do conflito de S. Pedro da Cova seria a da ostensiva aliança com o funesto reaccionário Joaquim Torcato, com o insolente e despótico régulo da Carris, e também da empresa mineira, José da Silva Severiano e com o renegado socialista Luís Gonçalves de Oliveira, etc.

Primeiro, porque sempre pode contar com uma lembrança gratificatória que lhe encha as medidas...

Segundo, porque o seu cor-religionário director da polícia de investigação é parte interessada e componente da Companhia das Minas de São Pedro da Cova...

Ora quando as autoridades estão ligadas directamente com as empresas — as primeiras leis que se cumprem, a primeira constituição que se interpreta, são as leis, é a constituição que regem a sociedade comercial e industrial registada nos alfarrábios dos tabeliães...

O Código fundamental do regime político do país, registado nas trapacisses parlamentares, não é nada na presença das conveniências *truquistas* dos nabálicos senhores dos legais surripiãos...

Sendo assim a ordem *natural* destas coisas... democráticas, *natural* era também que o chefe do distrito, contra os mais rudimentares princípios de liberdade, *suinamente* insistisse na proibição do comício promovido pela organização operária local.

E' que nessa pública reunião ir-se-ia desvendar à luz clara dos factos tãda a torpeza duma Companhia de traficantes, tãda

a série de violências e de crimes cometidos pelas autoridades em São Pedro da Cova; ir-se-ia fazer um pouco de clari-dade sôbre a conviência das autoridades, por conveniência própria, com os roceiros das minas; sôbre os sinistros planos que a patronal tencionava, se ainda tencionava, pôr em prática...

O pêso das responsabilidades da autoridade é tanto, que ela se opôs violentamente, pela força das armas, a que se dissesse tãda a verdade, aquela verdade que a imprensa mercantil sistematicamente se tem recusado a transmiti-la aos seus leitores.

O povo tinha de reagir, tinha de, pelo menos, protestar contra as arbitrariedades, o despotismo, a tirânica vontade pessoal dum soba que, primeiro artificialmente e exigindo documentos disparatados, e depois, francamente, proibiu a manifestação proletária de solidariedade aos mineiros.

E como o povo *soberano* se mostrava disposto a demonstrar a sua soberania *reconhecida* pelas aldrabices democráticas — eis que o ditador do govêrno civil dá terminantes ordens à sua *guarda imperial* para que fizesse do pacífico comício que o operariado portuense queria realizar — um comício de pancadaria, de chanfalhada, de tiroteio, de cargas inexoráveis de cavalaria...

Está conhecido em todo o país que agora se procede mais selvática e velhacamente do que no tempo da monarquia; de que a guarda *republicana* ultrapassou em ferocidade a guarda municipal dos tempos da ominosa; de que os *jovens* chefes da polícia... democrática são mais boçais e ferinos do que todos os chefes Lebreiros — devido ao que os crimes, os assassinatos, as violências sanguinolentas das modernas autoridades teem sido mais monstruosos e enlutado mais o país...

Tendo o povo conhecimento destas heroicidades, que nos

admira que segunda-feira passada ele resistisse às agressões da ordem com as agressões da desordem? Vá cumprindo com os conselhos dados pelos republicanos de ontem, entre eles o ex-chefe da república Antônio José de Almeida...

Vá correspondendo à tirania dos senhores com a dinamite dos revoltados.

Por culpa de quem?

De criaturas como o actual governador civil, o único e verdadeiro culpado de tudo quanto se passou no Porto no princípio desta semana—porque desrespeitou a liberdade, a Constituição, o bom senso, a justiça, a razão, a própria democracia que diz defender para, colocando-se ao lado do ultramontanismo de São Pedro da Cova e do seu flibusteirismo irritante, insultar, enxovalhar, oprimir e agredir a massa popular explorada...

E tam verdade, tam flagrante, tam patente está a sua culpa—que jornais conservadores, como *O Primeiro de Janeiro*, já a reconheceram...

E' contra êsse autêntico investigador, provocador, dos acontecimentos de segunda-feira, que nós erguemos o nosso veemente protesto...

Pró-Mineiros

A' malvadez e intuitos criminosos da gerência das minas de S. Pedro da Cova, devem responder todos os Anarquistas, todos os sindicalistas, todos os trabalhadores, e todos os homens de bem, com a mais estreita solidariedade aos grevistas mineiros, proporcionando-lhes os recursos monetários para eles prosseguirem na sua luta tenaz e justa contra os usurpadores do direito á vida.

A solidariedade bem compreendida e por todos praticada, é, a par da mais elevada concepção do sentimento humano, a mais formidável das armas para a vitória das lutas dos escravizados contra o capital.

Praticá-la, pois, é um dever.

Sôbre a revolução imediata

Sôbre êste assunto, como se sabe, muita coisa já se tem dito e escrito, e muita discussão azêda tem sido travada no campo revolucionário entre aqueles que combatem, e os que defendem «uma revolução imediata» — discussões estas em que freqüentemente os dois contendores se têm alcunhado reciprocamente de covardes, traidores, precipitados, etc.; mas nessas «pugnas» parece-nos, que sempre houve um ponto, que nunca foi bem esclarecido, e que na nossa opinião, certamente, ha-de ter dado logar a muitos malentendidos.

Assim, ao desejo manifestado por um certo número de elementos, de cuja sinceridade revolucionária, se não pode duvidar, (e dizemos um certo número, porque a frase «revolução imediata» tornou-se quãse que como um estribilho na boca de muitos, que a repetem maquinalmente e facciosamente, para «fazerem o seu jogo», sem que ela lhe corresponda a um sentimento íntimo, e portanto verdadeiro); mas, como íamos dizendo, ao desejo fremente manifestado por certos elementos de se lançarem imediatamente ao assalto da fortaleza capitalístico-burguês, tem respondido outros revolucionários—, cuja sinceridade também não pode dar logar a suspeitas—de que acham um tanto prematuro e extemporâneo o preparar-se para já um ataque de tal natureza, porque, acrescentam êles, as massas trabalhadoras ainda se não encontram suficientemente preparadas para um movimento de tamanha magnitude.

Mas ao fazerem esta declaração, não se tem explicado bem—ou então os adversários têm-se feito desentendidos—sôbre o que entendem por «falta de preparação das massas», e o resultado tem sido, tirarem êstes últimos a conclusão de que, com aquela sua frase, querem dizer que as massas não estão ainda suficientemente educadas, e que o seu espírito não está ainda bastante esclarecido, para que elas possam arcar com as responsabilidades, que sôbre si hão-de recaír, após o estalar da revolução social; e, partindo dêste princípio,—e à mistura com várias insinuações, que algumas vezes também não são de todo descabidas, visto que

freqüentemente com o manto da prudência se encobre muita covardia—, os fogosos apologistas da revolução imediata terminam por dizer, que atendendo às circunstâncias acima apontadas esperem então os sensatos e os prudentes lá pelo ano 3.000, para poderem fazer a tal revolução dos homens conscientes e de espírito esclarecido.

Ora se fosse êste o único e verdadeiro motivo pelo qual certos revolucionários combatem a realização imediata dum movimento, tendo por fim a destruição do sistema capitalista, teriam em parte razão os seus defensores; e dizemos em parte porque se estivessemos à espera, para fazermos a revolução social, que o espírito das massas se esclarecesse dentro regime capitalístico-burguês, teríamos de esperar, não pelo ano 3.000, mas por toda a eternidade.

A burguesia, detentora de todos os privilégios e poderes, tem à sua disposição mil maneiras de embrutecer e manter mergulhadas na mais abjecta ignorância as massas trabalhadoras; e que, para conseguir êste fim, ela se sabe aproveitar conscientemente dos meios de que dispõe, temos, entre mil exemplos, na ordem do dia o combate que ela tem movido à reforma do ensino que se tenta agora pôr aí em prática.

Portanto, nestas condições, é escusado esperar, como acima dizemos, que as massas adquiram uma consciência plena dos seus direitos e deveres dentro do actual regime burguês; e que, por conseguinte, possam um dia, cõscios do que podem e valem, lançar-se à destruição da sociedade capitalista com o fim claro e definido de organizarem uma nova sociedade de homens livres e iguais. A primeira destas acções, estamos disso plenamente convencidos, efectua-la hão elas um dia cheias de raiva e desespero,—como já o têm feito várias vezes no decurso da história;—mas, visto que essa acção se há-de realizar quãse que como uma resposta inconsciente aos abusos e desvarios das classes privilegiadas, está claro, que só se efectuará, quando a paciência das massas se tenha de todo esgotado, fenómeno

êste, cuja data ninguém pode de antemão fixar, não se podendo por conseguinte fixar antecipadamente o início do período agudo da revolução social.

Serão as massas que lhe hão-de demarcar o dia e a hora, e não a minoria revolucionária, porque mesmo que se esta por um *tour de force*, cheio de audácia e coragem conseguisse, pelo seu esforço único, vencer e destruir o sistema capitalista, a sua vitória seria simplesmente aparente e momentânea, se as massas não se mostrassem dispostas para a acção, pois que só a sua passividade bastaria para impossibilitar toda e qualquer transformação social. Para que a revolução social possa triunfar, não é necessário unicamente a acção e o concurso de todos os revolucionários sociais; é preciso sobretudo, que por ela se interessem as massas exploradas, e que compreendam que é nelas que existe no estado latente toda a energia capaz de fazer surgir sôbre os escombros do passado a nova sociedade sem amos nem escravos, e onde seja impossível a exploração do homem pelo homem.

Que para a constituição duma tal sociedade não basta simplesmente o esforço da minoria revolucionária por mais enérgica e empreendedora que esta possa ser, mas que também é preciso contar para êsse fim com a força criadora das massas trabalhadoras, temos a comprová-lo a lição dos factos passados nos últimos anos na Rússia bolxevista.

Ali ainda se encontrou o partido, que assambarcou o poder após a revolução, em presença dum povo em revolta aberta com as condições do passado e desejo de criar um novo modo de vida; mas, por um erro de tática e por uma falsa visão dos fenómenos sociais, êsse partido, em vez de dar expansão e favorecer o espírito de iniciativa manifestado pelas massas ao organizarem os soviets, procurou, primeiro que tudo, amarfahar, e aniquilar êsse espírito; e o resultado foi que, quando quis organizar de «cima para baixo», sem contar com a vontade popular, por meio de leis e decretos a sociedade comunista, viu chocarem-se, e inutilizarem-se todos os seus esforços contra a indiferença e a má vontade manifestadas por aqueles, a quem dizia querer beneficiar.

E o que aconteceu na Rússia, repetir-se há, está claro, amanhã em qualquer outro país nas mesmas circunstâncias; e

é porisso que há quem conde-
ne entre nós sem fins reserva-
dos o preparar-se para já um
movimento revolucionário, por
verificar que, apesar dos crimes
tremendos praticados dia a dia
pela quadrilha capitalista, as
massas exploradas não se atre-
vem, por enquanto, a protestar
enêrgicamente, e por meio de
actos violentos contra êsses
abusos, não estando portanto
em condições de tomarem parte
e colaborarem no combate, que
terá por finalidade o desapare-
cimento da burguesia como
classe privilegiada.

Para que se torne um facto
a destruição da sociedade capi-
talista, não basta, repetimos
nós, que a minoria revolucio-
nária manifeste êsse desejo; é
preciso, sobretudo, que as clas-
ses exploradas patenteiem an-
teciadamente por actos (tal
como está sucedendo agora na
Alemanha), que serão capazes
de apoiar qualquer movimento,
que tenha êsse objectivo,—facto
que ainda por enquanto não
se verifica entre nós, embora
haja já para isso motivos de
sobejo.

Nestas condições, portanto,
o que temos a fazer é aguardar
êsse momento propício da
revolução social e em vez de
perdermos o tempo a fixar-
lhe a data, tratemos de nos
educar, e de nos prepararmos,
para bem o aproveitarmos.

Embora seja dever de todos
os revolucionários aproveita-
rem-se dos crimes perpetrados
pela classe burguesa para faze-
rem despertar contra ela entre
o povo o ódio e o desejo do
seu aniquilamento, o que lhes
compete sobretudo na hora
presente, é estudar as causas
que fizeram falir no passado
todos os movimentos revolu-
cionários de caracter popular, e
procurar por todos os modos
que não se tornem a repetir os
erros cometidos.

De todos êstes acontecimen-
tos é da revolução russa que
mais preciosos ensinamentos
podemos tirar; e é porisso que
se torna absolutamente neces-
sário analisá-la e estudá-la em
todos os seus detalhes de for-
ma que os seus erros sejam
bem conhecidos afim de serem
evitados não nos preocupando
mesmo que com a sua divul-
gação possamos ir prejudicar
qualquer partido revolucioná-
rio, porque neste caso os inte-
rêsses da humanidade devem
ser colocados muito acima dos
de qualquer classe ou grupo,
embora mesmo êsses debaixo
duns certos pontos de vista
nos mereçam muito respeito.

A. B.

Apontamentos...

Na opinança autorizada
do sr. Cunha Leal, como
na opinança autoriza-
díssima de todos os in-
divíduos da sua feição e do
seu partido, Portugal atra-
vessa, neste momento, uma
das crises mais agudas, mais
graves e mais difíceis que
se tem conhecido na história
política, económica, admini-
strativa e social dêstes
treze anos de república.

Dada a competência dêstes ca-
valheiros na matéria, é na-
tural que Portugal se en-
contre nas condições em que
êles o apresentam. E, longe
de mim, a estulta pretensão
de os desmentir. Que a hora
é grave, mesmo muito gra-
ve, todos nós, os que vive-
mos dum ínfimo salário, o
sabemos muito bem. Mas
sabemo-lo por experiência
própria, à nossa custa, e não
à custa do país, como os se-
nhores políticos de todos os
matizes.

Se a hora é grave, se é mesmo
desesperada como êles afir-
mam, a culpa não é senão
deles. Os políticos é que
tem governado o país; os
políticos é que tem ditado
as leis e os decretos, pon-
do-os em execução. Os polí-
ticos é que tem apelado
para o patriotismo de *tôda-
a-gente*, no sentido de os
auxiliar na salvação do Es-
tado. Os políticos é que fa-
zem as eleições. Os políticos
é que são os *donos* dêstes
seis milhões de almas *ge-
nuinamente* portuguesas. Os
políticos é que ordenam, que
mandam, que imperam, co-
mo senhores feudais. São
êles que demitem, que exo-
neram, ou que colocam nos
logares de confiança do Es-
tado, os representantes desta
máquina. São êles que in-
terveem em tudo, até na
vida privada dos cidadãos!

Ora, sendo êles o ponto de
apoio, o raio de acção, a fôr-
ça propulsora de todos os
movimentos do país e dos
cidadãos, ¿ porque motivo é
que se invectivam uns aos
outros, porque razão é que
querem fugir à responsabi-
lidades que a todos cabe?

A hora é grave para todos nós
—afirmam, como uma im-
pudência inaudita. Sim, a
hora é grave. Mas não é
para êles, que governam. A
hora é grave mas é para os
produtores de tôdas as ri-
quezas, para êsses famintos

que, trabalhando de manhã
até à noite, não tem que
vestir, nem que comer, nem
que calçar. Para êstes, que
são as vítimas de todos os
ladrões e de todos os políti-
cos, é que a hora é grave,
extremamente grave!

Para os políticos profissionais,
se a hora actual é grave, é
porque não podem ostentar
a sua vaidade e dar largas
ao seu orgulho. Sempre as-
sim foi, e sempre assim ha-
-de ser. Mudados os gover-
nos, a situação ficará a mes-
ma. E se hoje é o sr. Cunha
Leal que nos vem dizer que
a situação do país é pessima,
detestável, amanhã será o
sr. António Maria, o da Sil-
va, que se incumbirá dessa
missão.

De modo que a fórmula polí-
tica da governação não mu-
da, nem mudará, a sorte da
população laboriosa. Ontem
como hoje, hoje como ama-
nhã, os governos portar-
-se hão sempre da mesma
maneira. Para nos certificar-
mos disto não é preciso um
longo estudo, nem é neces-
sária uma profunda prepara-
ção intelectual. Basta olhar
o passado. Basta reflectir um
pouco sobre êle, e ver-se há
que todos os governos se
equivalem. Que todos os go-
vernos tem feito a mesma
coisa, «levando o país à rui-
na, e a nacionalidade ao abis-
mo.»

A república foi uma mina para
os políticos, exactamente co-
mo a monarquia tinha sido
um manancial para os cor-
tezãos e para os palacianos.
A tal hora grave de hoje,
como a hora grave de on-
tem, não é senão o corolário
de tôdas as bandalheiras, de
tôdas as patifarias e de tô-
das as infâmias que os go-
vernos tem acumulado, uns
após outros. E a prova, é
que os acusadores de hoje,
foram os acusados de on-
tem, e, quem sabe?—talvez
os acusados e acusadores tá-
citos e rubros de amanhã.
Enquanto a vida da sociedade
depender das clientelas polí-
ticas, havemos de assistir,
sempre, a êste desfiar de
misérias, a êste desencadear
de calamidades. Com isso,
entretém-se o povo; e com
isso todos os mandriões go-
vernam a vidinha...

O que nos causa imensa pên-
a é que os trabalhadores, em
face de tudo o que se está a
desenrolar, não pensem a
sério na sua emancipação,
dando o golpe mestre na su-
prema ilusão política e man-
dando à fava tôdas as cria-

turas que pretendem viver
à custa deles.

Porque, depois, não haveria
horas graves, nem políticos
que nos iludissem, nem Es-
tados que nos espaliassem.

PEDRO GUIMARÃES.

Mateu e Nicoláu

Até à data em que traçamos
estas linhas, nada se sabe do
processo, por o qual, êste dois
inocentes foram condenados à
morte pelos sinistros juizes-
militares espanhóis. ¿Levarão
a cabo a empresa, ou recuarão
perante o clamor que se está a
erguer em todo o mundo contra
a sentença inquisitorial?

Eis uma pergunta a que não
é fácil responder.

A Espanha oficial, como é
do conhecimento de toda a
gente, é um alfôbre de padres,
de jesuitas, de militarões e de
patifes, armados em pessoas
honestas e sérias. As suas leis,
duma severidade estúpida é
brutal para com os pequenos,
são duma suavidade e duma
doçura que espantam para com
os grandes. Há, ali mesmo, um
refrain muito em voga: *quanto
tienes, quanto vales; nada tienes,
nada vales*, que sintetiza todo
o valor das leis e de tudo o
mais que lhe é similar.

De maneira que, sendo os
dois inocentes duas pessoas que
pertencem à classe dos explo-
rados, se não se erguer, por
toda-a-parte, a voz de protesto
das camadas populares, os ver-
dugos espanhóis, sorridentes e
satisfeitos, levarão a cabo os
seus designios de assassinos
legais.

Urge, portanto, fazer ver a
essa horda de pronunciadores
de penas de morte que a con-
sciência universal se revolta
indignadamente contra seme-
lhantes processos de «castigar»
inocentes, ou «supostos delin-
quentes», para nos servirmos
dos termos usados agora por
os ditadores transformados em
juizes.

Vá, trabalhadores portugue-
ses! Prestai o vosso concurso,
auxiliai, aqueles que protestam
contra a pena de morte aplica-
da infamemente a duas criatu-
ras inocentes, mas em quem
a reacção militarista, política
e religiosa, quer cevar os seus
ódiós e os seus rancores...

Assim, cumprireis com o
vosso dever.

COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Preço \$20; pelo correio \$30.
À VENDA NESTA REDACÇÃO



A CRISE ALEMÃ



E OS

PARTIDOS POLÍTICOS

I

Após a cessação da resistência passiva na bacia do Ruhr, cessação que foi decretada pelo governo alemão, as condições da classe operária da Alemanha tornaram-se mais desesperadas que nunca. A miséria económica é insuportável; e a reacção política — graças ao estado de sítio e à lei dos plenos poderes — criou uma situação deveras crítica. Sem exagero, pode afirmar-se que, sob o ponto-de-vista económico, é somente a parte revolucionária do proletariado a que mais sofre — porque é ela a primeira a ser esmagada pela crise de trabalho, bem como sob o ponto-de-vista político — porque a reacção cái toda sobre ela.

O governo e os partidos nacionalistas procuraram um bode expiatório para lançar, sobre ele, as responsabilidades da derrota da Aventura do Ruhr. Na primeira linha encontraram os sindicalistas da *Freie Arbeiter Union Deutschlands* (F. A. U. D.). E é com grande desgosto que registamos a atitude dos comunistas, os quais também dirigiram os seus golpes contra os sindicalistas.

Os defensores do Estado — da extrema direita como da extrema esquerda, os fascistas como os comunistas — desfizeram-se em calúnias e infâmias contra os sindicalistas revolucionários, acusando-os de terem feito «trabalho francês»! Por exemplo: o órgão comunista, *Gelsenkischer Arbeiterzeitung* disse que os «sindicalistas tinham tido negociações com as tropas francesas de ocupação, e que chegaram a um acordo para se acabar com a jornada de 8 horas de trabalho.» Provou-se, depois, que esta balela comunista não passava duma calúnia reles e nojenta. Feito um inquérito, viu-se, por ele, que em Gelsenkirchen — a cidade da I. S. R. e do Partido Comunista — não havia senão dois conselhos de fábrica sindicalistas, cuja coragem e abnegação na luta de classe não foi posta em dúvida, nem pelos comunistas, sequer. Mas provou-se que os comunistas tinham feito todo o possível para entrar em negociações com a Comissão francesa de

engenheiros. E tanto assim, que os comunistas apareceram, à hora fixada, para a entrevista.

Em Gelsenkirchen nem um só sindicalista trabalhou sob as ordens da Comissão militar francesa, embora lá houvesse um bom número de comunistas que obedeciam às ordens dessa comissão. Apesar disso, toda a imprensa socialdemocrática, comunista e burguesa, se ocupou do «trabalho francês levado a cabo pelos sindicalistas.» Esta campanha foi o ponto de partida das perseguições inauditas contra os nossos camaradas. Certos jornais chegaram mesmo a referir-se a uma «traição» dos sindicalistas!

Esta caça aos sindicalistas foi tam longe que toda a acção da classe operária na região ocupada era creditada aos sindicalistas, mesmo que eles não tivessem nada de comum com ela. Assim, quando das desordens no Ludwigshafen, o órgão dos comunistas de Mannheim — *Die Arbeiterzeitung* escreveu esta infâmia: *A acção separatista dos sindicalistas em Ludwigshafen.* E dizia: «os sindicalistas empreenderam, sobre toda a linha, uma propaganda no sentido de desenvolver a marcha do movimento separatista»; e que, «à frente d'ele, se encontravam sindicalistas que não concordavam com o *Bureau* sindical do sindicato vermelho comunista.» E, conquanto os próprios comunistas de Ludwigshafen enviassem, ao seu órgão de Mannheim, uma rectificação, o jornal não a publicou, para dar a entender que os sindicalistas eram aquilo que ele disse.

Estes ataques foram coroados por um editorial do órgão da grande indústria alemã, o *Berliner Tageblatt*, de 6 de setembro findo. Eis o que ele disse:

«O novo ponto de apoio para a França, é o movimento sindicalista. Não é segredo para ninguém que, à sombra do dinheiro, se reuniram os provocadores, os mandões e os elementos estrangeiros. O seu programa político, que se poderia chamar, programa

anarco-comunista, porque luta, sobretudo, contra o centralismo de Moscóvia, não desempenha, de facto, nenhum papel importante. Razão de mais para que estes elementos defendam reclamações económicas impossíveis, procurando explorar o descontentamento que existe entre os mineiros. Os sindicalistas são partidários do trabalho com os franceses, e exploram a inimizade da massa operária contra os proprietários da mina. Eles defendem a separação do Reno e do Ruhr.»

Vê-se, por estas passagens, a intenção de estrangular e de esmagar o sindicalismo revolucionário na Alemanha. E, nesta tentativa, encontram-se unidos os capitalistas com os socialdemocratas e com os comunistas. Que os comunistas são muito bem vistos pelos capitalistas, demonstra-o suficientemente a passagem seguinte do referido jornal:

«A esperança dos franceses reduziu-se, então, à ajuda dos comunistas, que esperavam obter unicamente duma fracção do Partido — da fracção *Ruth Fischer*. Mas a atitude desta fracção, cujo centro de gravidade se encontrava fora do território ocupado, punha em perigo a posição de todo o partido comunista, visto que o levava, no Ruhr, a um tal grau de baixeza, que, oficialmente, foi preciso manter a frente unida contra os franceses.»

Não devemos negar que os comunistas prestaram um escabroso serviço aos nacionalistas e ao governo capitalista. A linguagem empregada pelos comunistas durante a ocupação do Ruhr foi de tal ordem que iam lançando a classe operária nos braços dos nacionalistas. Depois da cessação da resistência passiva, decretada pelo governo alemão, os comunistas pretenderam demonstrar que eles, e só eles, é que defendiam os verdadeiros interesses da «pátria alemã.» Foi a eles que estava reservada a honra de declarar que a cessação da resistência passiva constituía uma «traição ao povo alemão.» E, neste juízo, os comunistas estavam em completa harmonia com os nacionalistas reaccionários e com os fascistas, os quais também exigiam a continuação da resistência passiva contra o inimigo secular. Basta ler o que Rommele, um dos militantes mais notórios do

Partido Comunista de Mannheim, declarou numa reunião pública: «O Ruhr deve ficar alemão; a pátria alemã deve ficar unida e na posse de todos os seus poderes.» E quando este mesmo Rommele expôs, durante mais duma hora, numa reunião fascista, o seu programa, os fascistas ovacionaram-no entusiasticamente enquanto que o presidente nacionalista desta reunião, ao encerrá-la, disse que o camarada Rommele pronunciara um discurso como qualquer *Deutsch-völkisch*. (reaccionário)!

Que o Partido Comunista alemão está completamente encostado à rota nacionalista, e que sacrifica os interesses do proletariado no altar da «pátria» — demonstram-no inúmeras provas.

Eis o que lemos em um dos planos de trabalho do Executivo do Partido Comunista alemão:

A. — Travar relações directas. Tentar previamente um contacto directo com certos oficiais superiores, conhecidos pelas suas tendências nacionalistas, mas que não pertençam a nenhuma das organizações fascistas, e com homens do tipo de Lettow-Vorbeck (o assassino dos operários de Hamburgo), que ultimamente se opuseram à participação da «frente interna» da luta contra os comunistas, por causa da atitude nacional assumida pelo Partido Comunista alemão. As conversas devem consistir nas possibilidades duma plataforma política comum. Do nosso lado devemos evitar os pontos de divergência provenientes da ideologia teórica do partido, e apoiar, tanto quanto possível, os pontos aceites pelos dois campos: luta contra Poincaré e luta contra o centro alemão! O tratamento, durante quaisquer negociações, deve ser excessivamente polido (empregar, Excelência, etc.) e amável. Nada de intercalar citações do marxismo. E, especialmente, evitar discussões sobre o programa do partido.

B. — Conseguir relações indirectas por meio da propaganda. Isto refere-se mais à cultura da grande massa dos oficiais do que aos indivíduos isolados... Chamar ao círculo de actividade não somente os oficiais do exército republicano e da policia de segurança, mas também os antigos oficiais do exército imperial. Nada de referências à propaganda já empreendida entre os soldados, cujos fins e objec-

ctivos são totalmente distintos. Fim especial: atracção geral dos oficiais e preparação organizada dum estado de espirito favorável, graças aos quais se poderá: 1) fazer pressão, com o auxílio das camadas inferiores, sobre as personalidades importantes, com as quais estamos em relações directas; e 2) atrair o mais possível as organizações militares que já existem e que ainda não estão imbuidas do espirito fascista, mas que tenham, todavia, um caracter nacional e antifascista, que possam ser empregadas na sabotagem activa na bacia do Ruhr. Para este efeito devemos usar, ao lado da influencia politica, doutros meios para nos insinuarmos pessoalmente, prometendo, por exemplo, altas patentes e honras militares no futuro; especular, sobretudo, a validade dessas criaturas, mas não dum modo grosseiro.»

Este plano de acção foi publicado por toda a imprensa da Alemanha. A *Rot Falme*, o orgão central do Partido Comunista alemão, respondeu a isto, gaguejando:

«Nós, comunistas, declaramos franca e abertamente em presença da classe operária da Alemanha que empregaremos todos os nossos esforços para atrair os oficiais e os elementos pequenos-burgueses... à causa do proletariado, e para salvar a Alemanha. Nós comunistas, diremos a estes oficiais, sem pensamentos reservados! Todos os elementos honestos que querem libertar a Alemanha do militarismo francês, devem lutar ao lado do proletariado. O poder soviético da Rússia, através (1), para defender os interesses do proletariado russo, centenas de antigos oficiais tzaristas os quais servem fielmente a causa desse proletariado.»

Esta maneira comunista de apresentar o problema, demonstra-nos que os comunistas se colocaram ao lado daqueles que lutam pela libertação da Alemanha, segundo a «libertação nacional», mas que abandonaram e traíram as fileiras daqueles que lutam pela emancipação do jugo do Capitalismo, do Estado e da Opressão.

FALTA DE ESPAÇO

Devido à abundância de original, tivemos de retirar, depois de compostos, alguns artigos. Que nos desculpem os nossos estimáveis colaboradores.

Do que se sabe

FACTOS. SÃO FACTOS

Por mais que os neo-marxistas se esforcem por defender o desvio que a Revolução Russa sofreu; por mais que os seus defensores, comunistas-socialistas *à la mode*, nos atordoem os tímpanos com a sua defesa dos progressos feitos pelos bolxevistas, nós continuamos a não nos convenceremos de que eles tenham realizado algo de pratico que cada um não possa observar em qualquer dos países que estão sob o regime burguês. Quanto a liberdades, já em números anteriores de *A Comuna* os leitores deverão ter lido como os senhores do poder e amigos da ditadura tem tratado os que mais do que eles, são avançados, ou simplesmente os que não mergulham a cabeça na sua pia baptismal. Na questão económica, o progresso feito, ou simplesmente parelhado ao dos outros países, ele continua a ser feito à custa do suor e dos sofrimentos dos que labutam dia a dia. Trotsky ainda há pouco afirmou ao senador americano, King, que «a Rússia se interessa por manter a confiança do mundo comercial»; e, por dura experiência, todos nós sabemos o que essa confiança mútua dos lobos que não se comem representa quando eles descem ao povoado.

Tchicherin, o Comissário do Povo (pobre povo!) para os Negócios Estrangeiros, num discurso por ele feito na Exposição Agrícola, em Moscóvia, declarou bem claramente: «Nós podemos dizer com plena confiança que já conseguimos para nós uma nova estrutura da sociedade, uma estrutura baseada no trabalho livre de exploração.» Veem estas suas palavras na *Russian Information and Review* (publicada pela Delegação Commercial Russa, em Londres) mas pode-se dizer que estas suas palavras são enganadoras, para não lhe chamarmos mentirosas. E esta nossa opinião é baseada no que se lê em outra página da mesma revista, que nós transcrevemos para que seja lido pelos néos ca da parvónia:

«Os lucros do Trust da Borracha, para o ano económico 1923-24, estão calculados em 9 milhões de rublos-ouro.» E noutro artigo: «A Rússia fez uma concessão de linhas férreas a uma Companhia alemã, concessão que será sem dúvida

de um grande valor para o concessionário, ao mesmo tempo que o Estado (o bolxevista) conta com uma receita de 1 milhão e 900 mil rublos-ouro num ano.»

Ora todos nós sabemos, pela mesma bem dura e triste experiência de trabalhadores, onde é que as Companhias e os Estados vão arrancar aquilo que eles chamam lucros ou receitas, por mais legalmente que eles julguem conseguí-los.

E não julguem os trabalhadores portugueses que nos lerem, e por mais sinceros comunistas que possam ser, que a forma varia lá porque mudou de amo o proleta que produz a riqueza. Que não variou nem varia demonstram-nos os factos que os senhores do poder na Rússia nos fornecem, por mais socialistas-marxistas ou comunistas que eles se rotulem ou mesmo se esforcem por ser. E' que o *processus* tem que ser diferente e mais profundo, se os trabalhadores quiserem ser livres — livres no sentido mais lato em que esta palavra possa ser tomada. E o *processus* tam profundo e tam diferente consiste apenas em que os trabalhadores pensem em proclamar uma sociedade em que não permitam que um homem válido possa viver sem produzir um trabalho útil para toda a comunidade.

Sem isto, tudo serão lérias e paliativos que nós não deixaremos de denunciar, por mais embelezados que no-los queiram impingir.

M. H.

OS PRESOS!

Quando nos lembramos destas vítimas que gemem nos cárceres da república, quase que não temos, no nosso vocabulário, palavras com que traduzamos a nossa repulsa, a nossa indignação, a nossa revolta, por aquilo que eles sofrem.

Realmente, a república não tem sido mais do que uma madrasta para o proletariado consciente e organizado. Enquanto que, para aqueles que a esfaqueiam constantemente, se mostra duma complacência que atinge as raías da admiração, para os operários, para aqueles que, em muitas ocasiões, tem arriscado a vida por ela, é duma crueldade que confrange.

A propósito e a despropósito do menor incidente, ei-la, pelas manábulas dos seus agen-

tes, dos seus energúmenos, a lançar os harpéns aos proletários. E depois, sem «culpa formada», conserva-os tempos infinitos nos cárceres, importando-se pouco com os clamores e com os protestos que, de quando em vez, surgem aqui e acolá.

Exactamente como na monarquia, a republica ressuscitou os velhos processos inquisitoriais: fazendo sofrer aqueles que se revoltam contra as injustiças sociais, ainda os calunia e os vexa dum modo que indigna todas as consciências, ainda as mais rebeldes ao sentimentalismo.

Não! Não pode ser. E' necessário, é urgente que o proletariado, todo o proletariado, proteste contra semelhante procedimento, bárbaro e desumano. E' preciso que todos, num grito unísono, reclamem a libertação das vítimas da sanha policial e governamental.

Os presos necessitam do esforço das massas proletárias para recuperarem a liberdade que o govêrno, na sua estúpida cegueira, não lhes quer conceder. Pois bem: que todos, cumprindo com o seu indeclinável dever, não regateiem esse esforço, que bem pequeno é. Hoje por eles; amanhã por nós.

Mesmo, é necessário demonstrar aos governos desta malfadada república, que o proletariado ainda é alguma coisa com que é preciso contar.

Protestemos, pois, mas protestemos com energia. E, ao mesmo tempo, reclamemos a libertação, pura e simples, dos presos por questões sociais.

O seu sofrimento tem sido grande e demasiado; que a solidariedade do proletariado lhes vá suavisar as agruras da vida e os horrores do cativo, eis uma acção digna e que, há muito tempo já, deveria ter sido posta em prática.

LEIAM, PROPAGUEM

A Peste Religiosa

o belo folheto anti-religioso de JOAO MOST, que a *Biblioteca de «A Sementeira»* acaba de editar e pôr à venda.

Preço, \$40, pelo correio \$50.

Na próxima semana

A Liberdade

por BERNARDO LASARE
Preço \$50, pelo correio \$60.

Pedidos à: *A Comuna*, *A Batalha*, ou *A Sementeira*, Cais do Sodré, 86—Lisboa.

PARASITAS

III

O JUÍZ

Ser improdutivo, estéril, parasita.

Plágio criminoso do Supremo Juíz—o velho Padre Eterno. Outra mordaca que a burguesia usa para calar os ímpetos revôltos, emancipadores, com que o povo pretende conquistar a sua carta de alforria.

O seu braço não fornece energia alguma à Humanidade para a sua Marcha triunfal, através dos séculos, pela clara estrada do Progresso. A sua mão, paralytica, hirta, morta para a luta da existência, só assina, inexorável, sentenças. Dum gesto da sua mão, paralytica para qualquer trabalho útil à comunidade, está suspensa a vida dum seu semelhante. Armado da Lei da convenção burguesa, empunhando na mão o gládio do falsificado Direito e coberto com a estro da Justiça, este homem—a que alguns chamam juíz e eu denomino fera—é intransigente.

Na alma dêlo as flores do Bem, do Amor e dos sentimentos humanos não se dão. Na algidês da sua consciência estas flores fenecem, marcham.

Traidor aos seus irmãos, arvorado em seu carrasco pela recheada bolsa da burguesia—que esta inventou para que os esfaimados uivos da *ralé*, da *escória*, da *canalha*, do *pé descalço* a não desportem, por alta noite, reclinada em fofos sofás, em macios leitos, que lhe importa que um miserável fosse impellido ao roubo dum pão, pela fome?

—Que trabalhe! Que, êles, os ricos, se gosam, é porque o ganharam, é porque trabalharam!

Que lhe pode interessar que um operário, um sacrificado, num momento de desvairamento, lançasse uma bomba à porta dum rico, que jamais trabalhou, porque, ao regressar a casa, encontra o lar—os filhos e a mulher da sua alma—invadido pela miséria, o seu lar—o lar de quem está farto de suportar as intempéries, resignadamente e cotidianamente e a escravidão do capital...

... E o rico, ocioso e feliz, vivendo na abundância...

¿Em que pode isto mover o coração do juíz?

—Trabalhassel não frequentasse a taberna! Fizesse-se comerciante, estudasse, fosse militar...

... Se, acima destas ninharias,

está, fulgurante e áureo o Direito... dos ricos.

... Se, acima de tudo, está a tranqüillidade do país, os interesses da nação e o bom dormir da burguesia...

Juís!... Parasita, ente infecundo...

O' parasita, responde—se os parasitas também sabem responder: que autoridade te assiste para julgares os teus semelhantes?

E's tu superior aos homens? Como homem que és, és susceptível dos mesmos crimes de que os teus irmãos, são réus.

Se o teu pai, em vez de digníssimo burguês, fosse um vilaníssimo gatano, tú serias, hoje, um malandríssimo bandido...

—Mas não serias maior do que és...

¿Que autoridade pois, tens, para castigar um crime?

... E o castigo é um crime mais repugnante, mais grave ainda, que o crime a *justiçar*.

... E' assim a tua justiça, reglada pelo recheio das bolsas dos teus patrões—dos burgueses. E's o parasita que se nutre das desgraças humanas, das misérias dos seus semelhantes, que vegeta e vive das podridões do mundo...

Juises, advogados!...

Seres improdutivos, estéreis, parasitas.

Pedrogam Grande.

PEDRO DAS NEVES.

Vida Anarquista

Grupo Libertário «Os Rebeldes» — Coimbra.

Este grupo, na sua última reunião, resolveu protestar junto do ministro da Espanha, em Lisboa, contra a bárbara sentença pronunciada contra Pedro Mateu e Luis Nicoláu.

Para melhor vincar o seu protesto, realiza-se no próximo dia 11 de Novembro, no Teatro Sousa Bastos, uma sessão pública, na qual o operariado coimbricense melhor poderá avaliar a iniquidade praticada contra esses dois camaradas.

Em seguida a essa sessão, realizar-se há uma conferência em homenagem aos mártires de Chicago, cujo aniversário da sua execução é naquelle dia. Será conferente o distinto orador libertário Cristiano de Carvalho.

*

Tôda a correspondência para A. S. Januário, rua das Padeiras, 26—Coimbra.

Notas à margem...

Impressões duma festa

Comemorou-se, no sábado passado, nesta cidade, o 7.º aniversário da *Tuna União do Porto*, instituição de recreio e beneficência.

Um dos seus componentes, no louvável intuito talvez de me ser agradável, teve a amabilidade de me ceder um convite para a sessão solene comemorativa da data que passava. Por um dever de cortezia, aceitei e fui assistir.

E, perguntando-me as minhas impressões, resolvi transmitir-lhas por intermédio de *A Comuna*.

Antes, porém, de entrar no assunto devo dizer que, para mim, como libertário que sou, são altamente simpáticas tôdas as instituições que nesta sociedade se formam livremente, quando as mesmas teem por fim a difusão da Ciência, das Belas Artes, do Bem e da Beleza, a propaganda, enfim, de todos os meios que tendem a proporcionar ao Homem um relativo Bem-Estar.

E' que o facto da criação destes agrupamentos por afinidades, sem a intervenção do Estado, prova absoluta e praticamente desde já, que o Estado é uma força abstracta, completamente dispensavel e antirrational.

Ora entre essas instituições conta-se a *Tuna União do Porto*, instituição formada livremente, tendo por fim a propaganda do Bem e da Arte, e, dentro da qual conheço um grande número de pessoas que se encontram animadas do melhor desejo de serem úteis àquela colectividade, e à sociedade em geral.

E, porque assim é, eu, sem sequer, ao de leve, querer ferir as susceptibilidades dos componentes da Tuna à qual pertencem pessoas que muito estimo, ao imprimir aqui as minhas impressões, (referindo-me simplesmente à sessão solene) sinceramente lamento que ellas não possam ser tam agradaveis, como agradável, julgo eu, procurou ser, para mim, a pessoa que me honrou com um convite.

E' que, nessa sessão solene, com excepção do presidente da mesa que inteligentemente procurou justificar como um principio de confraternização humana, o facto da distribuição, pela Tuna, dum bôdo aos pobres, os restantes oradores, quase que exclusivamente referindo-se a êste acto, dedicaram-se a exaltar a Caridade, como o maior sentimento humano.

Ora esta afirmação é um tremendo êrro.

Há, de facto, em todo o ser humano, (o mesmo se dando em tôda a espécie animal e talvez até vegetal) um sentimento de sensibilidade em maior ou menor gráu, que leva o homem a aproximar-se e a sentir a dôr alheia, procurando, portanto, suavizá-la ou extingui-la.

Isso, porém, é o principio da solidariedade humana.

A caridade é um sentimento falso inventado por esta sociedade, e que só serve para esconder as injustiças da mesma, na qual, contra a Ciência e a Razão, se nega ao Homem o direito de viver em iguaes circunstancias de relativo bem-estar.

A caridade só é exaltada e praticada pelas pessoas que têm interesse em manter de pé esta péssima organização social que permite a existência de nababos e párias, e, em que o homem infamemente explora o seu semelhante.

¿Que sentimentos altruístas pode ter a criatura que pratica a *caridade*, explorando um ser humano, e amanhã lhe dá uma esmola de um milêssimo, ficando êle com milhões para si?

¿Que sentimento pode ter a criatura que *praticando a caridade*, seduz uma mulher, despreza os seus filhos e contribui para que essa mulher seja uma desgraçada?

E, todavia, observamos êste paradoxo constantemente.

Ora como o programa da Tuna é a propaganda do Bem e me quere parecer que os seus componentes não desejam justificar a necessidade de existirem seres humanos dormindo sob os rigores da chuva e do frio os cantos da rua, mulheres às vezes nossas irmãs, vendendo a sua carne em imundos prostibulos, homens tuberculizando-se por falta de pão, sou levado a crer que o facto da distribuição do bôdo aos pobres por aquela colectividade, conquanto por mim não possa ser aceito,—já por uma questão de principios, já porque é a cópia do que faz o Estado e as empresas capitalistas, dando um bôdo ao povo depois de o roubar e fuzilar quando o mesmo reclama os seus direitos—obedeceu neste caso somente a um principio de solidariedade humana.

E sendo assim, com bastante máguá minha constatei que se desvirtuou o fim que a Tuna tinha em mira, exaltando a *caridade*, sentimento que não existe e esquecendo o principio de Solidariedade que é o maior sentimento humano.

E' esse sentimento que leva o sábio-a, durante uma vida inteira, investigar determinado caso, e abdicar mesmo da sua vida, expondo-se aos múltiplos perigos que podem surgir da sua idea ou descoberta.

E' esse sentimento, que anima o médico e o enfermeiro a salvarem o doente, arriscando-se também à morte.

E' esse sentimento, que faz com que o marinheiro se lance à água, para salvar o naufrago.

E' esse sentimento, que leva os homens a agrupar-se para a prática do B. m. constituindo grupos como a Tuna União.

E' esse sentimento, enfim, que, desde o princípio da Humanidade, tem animado e continua a animar todos os homens que sabem sofrer as dores alheias, todos os homens que sabem adivinhar as lágrimas vertidas de dia e de noite por milhares de criaturas; todos os homens que têm um coração cheio de nobres sentimentos, a lutar em prol da Felicidade Humana.

Mas este sentimento, defendido e intensamente propagado pelos anarquistas, e que se baseia no auxílio mútuo entre os homens, indo até ao ponto de exigir para todos os indivíduos iguais condições de vida, é um sentimento completamente puro que nada tem de comum ou de semelhança com a caridade, sentimento artificial, que uma grande parte de pessoas pratica por hipocrisia e outra parte por vaidade, pseudo sentimento que desde longos séculos vem sendo explorado por todos os charlatões da Humanidade; como se verifica pela esmola dada à porta dos conventos, como se verifica pela esmola dada pelo Senhor Feudal, cujas terras foram roubadas à plebe; como se verifica pelas Sôpas dos Pobres, obra de Sidónio Pais, e como se verifica pelos bôdos, oferecidos agora pelas instituições republicanas, consentindo, no entanto, que o povo seja infamemente roubado e explorado!

E como reconheço que aos componentes da Tuna União do Pôrto, e, até me quere parecer aos oradores que falaram, animam sentimentos muito mais altruístas, baseados efectivamente no princípio da Solidariedade Humana, eis o motivo dos meus reparos, certo de que os componentes da Tuna e os oradores também, concordarão com os mesmos.

Eis as minhas impressões sobre a sessão solene comemorativa do 7.º aniversário da fundação da Tuna União do Pôrto.

UM CONVIDADO.

A caminho do verdadeiro Ideal humano

O mundo marcha!... O mundo marcha aceleradamente a caminho do verdadeiro Ideal humano!

As consciências humanas, sugestionadas por toda a casta de vampiros, vão despertando ao som harmonioso do clarim revolucionário!

E' a contínua e célere evolução moral, intelectual, artística e social dos povos, que categoricamente demonstra.

Essa evolução, infelizmente, não se generalizou numa forma satisfatória, é certo; mas, no entanto, se ainda não atingiu o seu verdadeiro apogeu de perfeição, caminha para ele a passos agigantados. Todos os homens de espírito desempoeirado, amantes do Progresso e da Liberdade, há muito que o preveem e revelam.

Não decorrem muitos anos, não passa o século XX que as palavras eloqüentes e luminosas do grande escritor Vitor Hugo, não se confirmem, não se convertam numa realidade, num facto concreto, palpável:

«No século XX a guerra estará morta, o cadafalso estará morto, o ódio estará morto, a frieza estará morta, a fronteira estará morta, os dogmas estarão mortos; o homem viverá. Só haverá acima de tudo—uma grande pátria—a terra inteira.»

Porém, essa pátria universal, essa sociedade de verdadeiros irmãos, propagada e difundida

«A COMUNA»

EM VILA DO CONDE

A convite do Grupo Anarquista «A Plebe», de Vila do Conde, fez Cristiano Lima, (redactor de *A Batalha*), no dia 20 do mês passado, às 21 horas, na sede do Sindicato Unico da Construção Civil, uma conferência-palestra, que foi uma bela lição, com a qual assistência muito aprendeu.

PROTESTO

Contra a condenação à morte de Pedro Mateu e Nicolau Ford:

O Grupo Anarquista «A Plebe» de Vila do Conde, enviou ao ministro espanhol, em Portugal, o seguinte telegrama:

«Ao Ex.º Sr. Ministro de Espanha, em Lisboa:—O Grupo Anarquista «A Plebe», de Vila do Conde, protesta contra a condenação à morte de Pedro Mateu e Luis Nicolau.»

pelo referido escritor e por todos os homens de sentimentos generosos, não agrada a aqueles que estão habituados a viver faustosa e parasitariamente e a exercer a sua supremacia despótica e tirânica sobre a maioria dos seus irmãos, tidos através de todos os tempos em categoria inferior, como se eles não fossem filhos da mesma mãe e, por conseguinte, com os mesmos deveres e direitos, como toda a burguesia, à abastança, ao conforto, à alegria, a todos os gozos da vida efimera.

Todavia, não obstante a guerra á outrance da parte de todos os conservadores, a tal sociedade há-de surgir bela e fulgurante, como Apolo, numa manhã primaveril de céu claro, embalada por mil gorgeios!

As constantes perseguições, as prisões em massa, o assassinato contínuo e premeditado de que os apóstolos do novo Ideal são vítimas por parte dos tais conservadores, não os desanima, não os detem de caminhar ovantes e de frente erguida para o meio das massas a divulgar lhes as suas doutrinas, a apontar-lhes o caminho da verdadeira redenção! E quando um homem tem a convicção de que presta um grande serviço à humanidade, diagnosticando-lhe a sua enfermidade e mostrando-lhe o remédio de a combater radicalmente, não olha a sacrifícios: encára o perigo com a maior serenidade e reflexão...

Trabalhem, pois, pelo advento da Sociedade Nova...

Ponte do Lima, 23-10-923]

GNONALO FERREIRA.

O Grupo Anarquista «A Plebe» de Vila do Conde apreciando as perseguições feitas aos operários de Lisboa pelo Governo aprovou a seguinte moção:

Considerando, que se encontram presos, há mais de 100 dias, em S. Julião da Barra, operários sem culpa formada;

Considerando, que essas prisões obedecem ao ódio tóxico e jesuítico das pessoas que pretendem esmagar o espirito de liberdade, e muito principalmente, ao estúpido capricho do governo que se encontra a soldo da reacção;

Considerando, que não se deve admitir sem um protesto enérgico semelhante atentado contra os princípios de liberdade e humanidade; resolve: 1.º—Saudar as vítimas do capital e do Estado; 2.º—Protestar energicamente contra o procedimento das autoridades de Lisboa; 3.º—Prestar toda a sua solidariedade moral e material aos operários presos por questões sociais.

CORREIO DE "A COMUNA"

LISBOA—*Correia Barreira*. Recebemos 20\$00. Fica pago até 33.

Alberto Dias. Recebemos carta e 7\$50.

VALADO—*José Paiva de Sousa*. Recebemos 5\$00

PORTO—*Joaquim Teixeira*. Recebemos 5\$00, pago até ao n.º 62.

TORRES NOVAS—*Faustino Bretes*. Recebemos carta e 2\$50. Agradecemos a vossa dedicação.

Solidariedade Pró Nunes Canha

	Transporte . . . 872870
Alvaro Simões	1\$00
Rodrigo Ramos	1\$00
José Caizler	\$50
António J. Buchinho	2\$50
A. Rosa	\$50
Manuel Viegas	\$50
Joaquim Palhota	1\$50
Manuel Figueira	1\$00
José N. S.	1\$00
António J. Sousa	\$50
Tadeu da Silva	\$50
José Salgado	\$50
Anónimo	\$45
João Augusto	\$20
Jaime Rebelo	1\$00
José Paulino	\$50
João Maria Major	1\$50
Augusto Vellozo	1\$00
Anónimo	\$70
João de Silva	\$50
João Abílio	\$50
Silvestre Paixão	\$50
Manuel José	\$70
Cristim Horta	1\$00
Anónimo	\$25
Um Jovem Sindicalista	1\$00
José Mariano	\$50
Henrique J. Machado	1\$00
Evaristo José	1\$00
Acácio J. António	1\$00
Francisco Correia	1\$00
Francisco Teixeira	1\$00
Ricardo Valeto	1\$00
João Correia	1\$00
João Luis Caldeira	\$50
Arnaldo de Jesus	\$50
Xavier Augusto	\$50
Fernando Velhinho	\$50
Deolindo dos Santos	\$50
João Guêlha	\$50
Arnaldo Gaspar	\$50
Joaquim Gaspar	1\$00
Francisco Lino	1\$00
S. S. Junior	1\$00
A. Buchinho	\$30
Joaquim Junior	1\$00
A. F. Simões	\$40
<i>Elvas:</i>	
Gonçalo de Sousa	1\$00
A transportar	910\$20

Comité de Propaganda e Organização Anarquista do Norte.

Reune na próxima terça-feira 6 de Novembro, pelas 20,30 no local combinado, para assuntos urgentes.

Devem comparecer todos os delegados.

Caleidoscópico

Uma aproximação!...

Duma carta, enviada de Barcelona para a *Humanité*, traduzimos estes significativos períodos. Por eles se verá que o ditador máximo das Espanhas também conta com o auxílio dos socialdemocratas para prosseguir na sua obra negregada:

«Facto escandaloso! O desenvolvimento da repressão coincide com a aproximação dos socialistas e do ditador.

«Ilaneza, um dos chefes do reformismo, tem tido várias entrevistas com Primo da Rivera. A organização reformista prepara-se para se ajoelhar aos pés do ditador. Ao mesmo tempo que rejeita a constituição da frente única, proposta pelos sindicalistas, pelos comunistas e pelos anarquistas, o reformismo organizado manda um dos seus *leaders* parlamentar com o ditador. Esta atitude faz-nos pensar na atitude de D'Aragona para com Mussolini.

«O proletariado espanhol, vai viver, portanto, um período de extraordinária gravidade. Vai conhecer, outra vez, mas duma maneira muito mais aguda, a época dos assassinatos, das deportações, das perseguições e da prisão sem fim!»

E com efeito. Se o protesto universal não se fizer sentir com energia, os nossos irmãos da Espanha serão esmagados massacrados, impiedosamente.

Homens de coração! Protestai! Protestai sempre.

O soldado desconhecido

Há criaturas que supõem que o venedor morto gosa da sua vitória! Mas ele não sabe nada disso. As honras que se prestam ao seu cadáver, é como se fossem prestadas ao tronco duma árvore. Dir-se-ia verdadeiramente que há Campos Elísios para os guerreiros mortos nas batalhas. Mas, o que está bem provado, é que não há disso para ninguém. A imortalidade da alma não existiria, pois, sendo para os militares. E' que se julga que os soldados mortos, são amados pelos deuses. Pois eu gosto mais da minha pele do que do amor desses deuses, visto que ela é para mim um bem precioso, enquanto eu andar cá pela terra!—Ernesto RENAN.

Resultados da guerra

Em 1913, a chamada dívida pública francesa, era de 460 francos por cabeça; em 1922, essa dívida pública ficou em 2.478 francos nas mesmas condições... Ah! a guerra só nos trouxe males, só provocou desgraças. E ainda houve, e há—que paradoxo!—quem a glorifique.

São os sentimentos canibalescos da besta humana a manifestar-se, e que é preciso combater com energia.

Rezes para o matadouro

Terminou, há dias, o quinto congresso da natalidade, que se realizou em Marselha.

Millerand, o ex-socialista Millerand, referindo-se ao decréscimo da natalidade francesa, disse: «A política da natalidade impõe-se aos governos da França, mas impõe-se com um carácter quase trágico de gravidade e de urgência. O grito de alarme já foi dado. E' necessário que o escutem.»

E' nossa convicção que este senhor Millerand o que quer é uma grande natalidade, para ter muitas rezes para enviar ao matadouro. Mau sinal...

A jornada de seis horas

O Comité executivo da União Nacional dos Ferroviários de Londres, resolveu, numa das suas últimas reuniões, apresentar, ao próximo congresso das Uniões operárias, uma tese no sentido de todo o proletariado organizado da Inglaterra reclamar a jornada de seis horas de trabalho diário.

¿Que dirão a isto os nossos economistas de pataco, os nossos políticos de meia tijela e mais os nossos jornalistas de fundo, que, não fazendo nada de utilidade, pretendem que os operários trabalhem 10, 12 e 14 horas por dia?

A trindade

A Santíssima Trindade teve sempre queda para se cruzar com as filhas dos homens. O Espírito Santo já teve seu tempo: todos sabem que Jesus-Cristo não era filho legítimo de José; hoje, o logar da pomba, pertence ao Padre; e só depois da acção do Padre, é que vem o Filho...

Secho alegre

A' mesa dum hotel:

—Tenha a bondade de se servir, caro colega—diz, num tom de quem observa à risca o Manual de civilidade, um caixeiro viajante ao oferecer a travessa do cozido a um reverendo cônego.

—Colega? Não compreendo. ¿Será V. Ex.^a, também eclesiástico?—observa, espantado, o ministro da igreja.

—Colega, sim, reverendo,—insiste o caixeiro. Eu lhe explico: V. Rev.^a é um representante, na terra, do padre, Filho e Espírito Santo do reino celestial. Eu sou o representante duma casa comercial de Lisboa. V. Rev.^a vende hóstias, água-benta—de Lourdes, de Fátima—bulas, cartilhas, rosários, amuletos, velas, indulgências, missas baptisimos, sermões, latim, casamentos, etc., etc., e até o próprio patrão—Deus, por grosso e a retalho. E eu vendo casimiras, chitas, riscados, quinquilharias, louças, tintas, etc. V. Rev.^a tem lucros na casa... e eu também... Sirva-se, pois, caro colega!

Pró-viúvas e filhos das vítimas da explosão das ANTAS

Não foi em vão o apêlo feito em prol das famílias das vítimas da explosão das Antas, mas não é ainda de molde a evitar que a fome entre nos lares daquelas desditosas famílias, que perderam o braço do seu sustento.

Como homenagem aos dois lutadores da causa da Liberdade, é imprescindível que todos os camaradas cumpram com o seu dever de solidariedade.

Publicamos hoje mais as importâncias já recebidas por intermédio de grupos e camaradas:

Transporte . . .	25\$40
Gr. P. Libertária . . .	90\$60
Gr. «Os Isolados» . . .	89\$00
Gr. de Rep. Radicais da Vigorosa . . .	50\$00
Gr. «Filhos da Liberdade» (Gaia) . . .	5\$70
Gr. de A Comuna . . .	11\$00
Centro C. L. do Pôrto . . .	30\$20

Soma . . . 301\$90

Importâncias enviadas directamente à redacção d'A Comuna, esta semana:

De Setubal:	
Alvaro Simões . . .	3\$00
De Lisboa:	
Alberto Dias . . .	4\$30

A transportar . 309\$20

PRÓ-PRESOS

por QUESTÕES SOCIAIS

Transporte . 399\$87

Setubal:

De Alguens 5\$00

América:

Estefânia S. Lucio — 5

Dólares 129\$25

A transportar . 534\$12

Publicações

Liberacion

Editado pelo Comité de Defesa Sacco-Vanzetti, recebemos o primeiro número deste jornal, impresso a duas cores, e que se publica eventualmente. O seu aspecto gráfico é magnifico; e a colaboração, muito instrutiva e variada, vem demonstrar, aos que atacam aquelas duas vítimas da ferocidade capitalista, que, na classe operária, ainda há quem saiba defender a causa dos inocentes.

Porque Sacco e Vanzetti, por terem a coragem de afirmar as suas ideias na «livre» América, foram envolvidos num processo que é uma monstruosidade. Contra eles nada se provou. E, contudo, os «administradores» da justiça, pretendem fazê-los sentar na cadeira eléctrica para gáudio da burguesia endinheirada e para satisfação dos bandedeiros que vivem a expensas dela.

O Comité Pró-libertação Sacco-Vanzetti, não se tem poupado a esforços para bem se desempenhar da sua escabrosa missão. Em quase todos os jornais da Europa e da América tem publicado diferentes documentos comprovativos da inocência desses dois apóstolos da emancipação humana. Essa campanha, inteligentemente orientada, tem feito recuar os carrascos nos seus intuitos maquiavélicos. Mas, agora, que se está aproximando a hora suprema, é necessário redobrar de esforços a ver se salvam essas duas vítimas das garras do capitalismo. *Liberacion* vem, pois, a talhe de foice.

Que veja, que todos nós vejamos, aliás, os seus esforços coroados de bom êxito, tais são os nossos mais ardentes votos. Direcção: P. O. Box 37, Haver St. Station—Boston, Mass (U. S. A.)

PRÓ-MINEIROS

de S. Pedro da Cova

Da Mina de S. Domingos recebemos as seguintes importâncias:

Domingos Saraiva . . .	\$50
Um aprendiz-mestre . . .	\$50
João do Val	\$50
Bento Caleiro	\$50

Soma . . . 2\$00